# O Valor do Sinal Ortográfico

Toda e Tôda

**Carlos Studart Filho**

Poucos, sem dúvida, ignoram que, existindo, em português, as vozes TODA E TODAS (pronuncia-se TÓDA e TÓDAS), a omissão do acento circunflexo sôbre o O do adjetivo e pronome indefinito TÔDA e seu plural TÔDAS constitui êrro, porque traz, ao espírito do leitor, dúvidas de cunho ortoépico, que devem ser evitadas.

Realmente. Folheando o "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa" (edição da Imprensa Nacional, 1934), lá vamos encontrar, com efeito, devidamente compendiados, os aludidos vocábulos da maneira seguinte: TODA, s. m. e s. f. Pl. TODAS, C. f. TÔDA, TÔDAS. f. de TODO.

Buscando maiores esclarecimentos no tocante à palavra TODA, ficamos sabendo ainda, através de "O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa" (ed. 1939), que serve a designar certo gênero de pássaros fissirrostros, também chamado todeiro. (1)

Melhor informado, o "Dicionário Contemporâneo", de Caldas Aulete (2a. ed., Lisboa, 1925), ensina que, além de ser êste o "nome de uma ave, o mesmo que todeiro", aplica-se, outrossim, a um dos dialetos da família dravídica.

Notícia idêntica pode ser colhida no léxico ùltimamente

---

(1) A edição de 1957, dá duas definições para a palavra: 1º *toda*, s.f. todeiro, e toda, uma das línguas da família dravídica.

elaborado pelo Prof. Francisco da Silveira Bueno (Rio, 1955), Catedrático de Filologia da Universidade de S. Paulo.

Trabalhos naturalmente sucintos por fôrça da própria natureza e finalidade, nenhuma das recopilações citadas explica se o dialeto a que aludem é extinto, morto ou vivo, nem adianta pormenores no que tange aos homens que o manejaram ou manejam.

Consultas a obras didáticas de maior envergadura, como, por exemplo, ao "Nouveau Larousse Illustré", publicado sob a direção de Claude Augé, e ao "Lello Universal", vindo à luz por iniciativa da livraria Lello, do Pôrto, não melhoram, nem ampliam as noções que nos sugere o verbete em estudo.

O primeiro, nem sequer o regista e, no segundo, se lê apenas que TODA é "uma das línguas da família dravídica", fato de que, a esta altura, já estamos perfeitamente inteirados.

Igualmente mudos são, a respeito do têrmo *toda,* a "Enciclopédia e Dicionário Internacional", em 21 volumes (Ed. W. M. Jackson) e o "Larousse du XX° siècle", edição de 1928, obra em seis alentadíssimos IN-FÓLIOS e cujo responsável nela se propõe oferecer aos leitores "um repertório completo quanto possível da língua francesa e dar, ao mesmo tempo, por meio de enciclopédias numerosas e precisas, uma soma de conhecimentos humanos de tôda sorte".

Dirigindo, em desespêro de causa, as vistas curiosas e insatisfeitas para os domínios da Etnografia, compulsando as obras que dela se ocupam, lendo-as e estudando-as, somos bem mais felizes, embora muitos autôres haja, de grande projeção neste setor cultural, que também não aludam ao povo que agora constitui o tema das nossas indagações. São do número: Eugène Pittard ("Les Races et I'histoire" — Paris 1954), Michel Hyacinthe Deschamps ("Études des races humaines"), G. Montandon (L'Olegénèse humaine" — Paris, 1928), P. Lester et J. Millot ("Les Races Humaines" — Paris, 1939), Marcel Mauss ("Manuel d'Etnographie", Paris, 1947), George B. Cressey (Asia's land and peoples, New York, s. d.), para não citar senão os mais vulgares e que temos à mão.

Folheando, porém, a "Etnografia", do Prof. Michel Haber-

landt, em sua 3a. edição espanhola, inteiramo-nos de que os TODAS figuram entre as gentes mais antigas e interessantes da península industânica. Pertencem ao grupo dos Drávidas e "são notáveis como pastôres, pela atenção quase religiosa com que cuidam dos seus rebanhos e por suas instituições poliândricas".

Bem mais preciso, neste particular é, porém, o velho Deniker, cuja obra, "Les races et les peuples de la Terre", apesar de um tanto antiga — sua 1a. edição data de 1900 e a 2a. de 1926, continua a figurar entre os livros de cabeceira dos estudiosos de Antropologia Cultural.

Tratando das populações da Índia ou, mais particularmente, dos Melano-índios, ou Drávidas, do ramo meridional, comenta o ilustre etnólogo: "Quanto às tribos do planalto, distinguem-se segundo o tipo e ocupações: "os BADAGA (mais de 38.000 indivíduos, em 1911), de pele muito clara, são agricultores, os COTA (1.270, em 1911), artífices, e os TODAS, pastôres".

"Os dois primeiros, continua, aproximam-se fìsicamente dos Drávidas em geral. Os TODAS, porém, apresentam um tipo morfológico peculiar, estatura elevada (1,69m), associada à dolicocefalia (73,4, no vivo) e à misorrinia (74,9), tez clara e sistema piloso muito desenvolvido. Em suma, êles parecem pertencer à raça Indo-Afgã com mistura possível de raça assiróide".

Ainda que manejando uma língua dravídica, vizinha do CANARÊS, os COTAS e TODAS se entendem, ao que parece, perfeitamente entre si. Além disso, uma série de usos e costumes (casamentos em grupo, aversão ao leite, politeísmo grosseiro, etc.) os diferenciam de maneira nítida das outras populações da Índia.

* * *

Esta pequenina tribo vem, nestes últimos tempos, demonstrando acentuadas tendências ao crescimento numérico (693 indivíduos em 1871, 736 em 1891, 875 em 1901, e 948 em 1911), fato verdadeiramente singular, se tivermos em vista que o hábito, existente entre êles, de sacrificarem as filhas, leva, de ordinário, o grupo que as possui a uma decadência rápida e fatal.

***

Nos dias atuais, os TODAS vêm alcançando acentuada noto-

riedade nos meios culturais do Velho Continente, em virtude da publicação do livro intitulado "L'Inde inexplorée", surgido em Paris, da pena de Pierre Rambach e F. Hert Stevens, jovens arquitetos ligados à escola do Professor gaulês Augusto Pierret.

Mistura algo desconexa de verdade e fantasia como são, de ordinário, os escritos da lavra de certos viajantes mal avisados que, vez por outra, deixam a França e países vizinhos no funambulesco propósito de desvendar os fascinantes "mistérios" do mundo não-europeu, é, porém, a obra em aprêço, sobretudo um repositório de informações etnográficas. Compendia as observações colhidas pela expedição que, sob a chefia do primeiro dos escritores citados e por conta do Museu Guinet, visitou, em 1953, a velha terra dos Marajás.

A expedição tivera, em princípio, o encargo de descobrir, fotografar e fazer o levantamento de certos templos nativos, cuja existência havia sido, até então, apenas suspeitada e que se deveria erguer junto à cortina impenetrável dos altos jangais do Decão.

No louvável afã de bem cumprir a difícil missão, estabeleceram os membros do grupo itinerante contatos demorados com algumas tribos autóctones, as quais, vivendo ocultas nas úmidas e ínvias florestas do platô indiano, jamais tinham tido, no dizer dêles, comércio com o civilizado. Puderam, assim, prosseguem com a segurança própria dos charlatães, trazer, de regresso à pátria, sôbre essas estranhas gentes, farta documentação, que em sua totalidade seria desconhecida até dos especialistas do Museu do Homem de Paris.

Dos TODAS, moradores antigos dos contrafortes ocidentais dos montes Cardamons, reuniram muitos dados culturais interessantes que, embora aceitos com um entusiasmo basbaque pelo público francês, nos parece suspeitos, porque se acham, como se verá, em flagrante desacôrdo com aquilo que, a respeito do assunto, registram autôres de comprovado saber e probidade científica.

Examinando tais documentos, ficamos inteirados, no tocante à fácie antropológica dêsse povo singular, que seus componentes medem aproximadamente dois metros de altura, possuem barba

abundante e frisada, ombros largos, porte e andar senhoriais, que lembram os de um profeta bíblico. Verdadeiro "homo mediterrâneo", seria o TODA a imagem perfeita do Fenício, do Grego arcaico ou do Filisteu do Antigo Testamento.

O estudo dos mitos e lendas parecem, em verdade, confirmar e fortalecer a surpreendente impressão que seu físico causou aos viajantes franceses. Se é verdade que, segundo suas crenças, o Adão TODA, saiu do flanco de uma montanha, agarrado à cauda de um boi, verdade é, também, que a primeira mulher — espécie de Eva bíblica — foi criada pelo deus OEUM da costela arrancada ao futuro companheiro de existência.

As tradições religiosas dos TODAS, que se ligam ao induísmo, explicariam também plenamente a existência, entre êles, dêsse culto da vaca sagrada, ainda hoje tão difundido na Índia, mas que, nem por isso, nos é menos chocante.

Não praticando nenhuma espécie de cultura vegetal, a rês sagrada tornou-se na tribo o eixo de tôdas as atividades sociais, e seu leite o elemento básico da alimentação do povo.

O encargo de manipulá-lo e transformá-lo em manteiga cabe ùnicamente aos indivíduos da casta sacerdotal, que, para isso, se recolhem a cabanas especiais, verdadeiros templos, onde agem segundo ritos mágicos apropriados.

O templo-leitaria é o maior e mais belo edifício de cada povoado. Tem a mesma forma parabólica das casas de morada. embora maior cuidado seja empregado no seu acabamento. Feito de bambu e pranchas de madeira, como as habitações em geral, sua fachada se destaca das demais em virtude da substituição dêste material de construção por lajes de pedra do mesmo tamanho e formato.

As mulheres TODAS, possuidoras de rara beleza física, usam os cabelos partidos ao meio, caindo em longas espirais pelas espáduas nuas e recobertas de lindas tatuagens. Vestem, como homens, a toga tribal, cujas dobras lhes dão ainda mais realce ao caminhar majestoso. Tudo, aliás, no porte e atitude dessa gente contraria a idéia que fazemos, ordinàriamente, de um selvagem.

Vivem em minúsculas aldeias compostas de 4 ou 5 palhoças,

diante das quais os habitantes se entregam às suas ocupações rotineiras; as mulheres bordam, os homens dormem ou, sentados e imóveis, parecem contemplar a paisagem magnífica dos vales que se alongam a seus pés. Só alguns rapazes conseguem encontrar ocupação ativa, guardando os rebanhos de búfalos que pastam pelas eminências próximas.

OS TODAS que, como vimos, não agricultam, assim procedem por considerarem o trabalho manual indigno e degradante. Votam, outrossim, um tal indiferentismo pelo que é estranho à tribo, que um alienígena qualquer pode vagar livremente pelas ruas de suas aldeias, sem que nenhum dos habitantes se digne voltar sequer a cabeça para olhá-lo.

Interessante é sabermos também que, segundo o Prof. R. H. Lowie, da Universidade da California ("Antropologia Cultural" — Ed. espanhola — Buenos-Aires, 1947), as mulheres TODAS casam legalmente com dois ou mais indivíduos. O fato ocorre em virtude de predominar, entre êsses nativos, o hábito de sacrificarem determinado número de meninas recém-nascidas, o que acarreta a escassez do elemento feminino na massa da população.

Às vêzes, muitos irmãos vivem com uma única mulher, sem que, entre êles, haja qualquer distinção social, quer como espôso, quer como pai da progênie. Quando os maridos não são parentes, pode suceder que vivam em povoados diversos. No caso apontado, a mulher passa sucessivamente um mês em companhia de cada cônjuge e, dêsse modo, gozam todos de idênticos direitos maritais.

A qualidade de pai oficial das crianças, surgidas dêsses acasalamentos anárquicos, estabelece-se, porém, por fôrça de uma cerimônia especial, que é realizada, mediante convênio, entre as pessoas interessadas. A solenidade investe o celebrante dos direitos e deveres de pai legal dos filhos da mulher comum, até que o outro indivíduo tome a si executar um ritual idêntico. Isso significará que os meninos mais velhos são os herdeiros do primeiro e os outros, do segundo oficiante, não porque, em realidade, hajam sido por êles gerados, mas em virtude dêsse critério puramente religioso. O fato demonstra, aliás, a absoluta ausência

do instinto paterno no seio do grupo social. Tendo-se em vista as circunstâncias em que é feita a procriação, os maridos não podem comprovar a paternidade dos filhos, nem lhes interessa fazê-lo, uma vez que substituem o conceito de pai criador ou gerador pelo de pai legal.

Nota-se aqui uma pequena divergência entre o professor americano acima citado e o etnólogo francês Ch. Letourneau, quanto ao direito de paternidade entre TODAS, pois êste assegura que o primeiro filho surgido pertence obrigatòriamente ao irmão mais velho, o segundo ao irmão mais novo e assim por diante.

Quando irmãos se tornam, em comum, maridos de várias mulheres, os pais das crianças passam a ser, então, designados pelas mães que, em geral, dão preferência ao irmão mais velho da família ou àquele cuja personalidade lhes pareça mais forte (R. B.).

* * *

Do que ficou dito, podemos concluir que a tribo TODA habita nas colinas do Neilgherry e contrafortes ocidentais dos montes Cardamons.

Constituída de indivíduos que apresentam carácteres físicos de certo modo específicos, costumes e instruções singulares, ela merece ser considerada um grupo social único, no seio das populações primitivas da península indiática. Falam dialeto da família dravidiana muito próximo do Canarês, embora o tipo morfológico os ligue ao Indo-Afgã.

Praticam a poliandria exogâmica, instituição cujo exercício é regulado por normas tradicionais, e ritos religiosos que se prendem ao induísmo.

Apesar de sedentários, pastoreiam; ùltimamente, abandonaram o uso secular de sacrificarem as crianças do sexo feminino, surgindo, entre êles, talvez por êsse motivo, a poliandria.